Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 203 • Uberaba/MG • de 15 a 21 de abril de 2002

O Brasil que não veremos mais

O Chorinho e a vergonha de ser brasileiro
pág. 5

Universitários realizam pesquisa com índios do Maranhão
pág. 6 e 7

Congonhas e Ouro Preto guardam fragmentos da História
págs. 8, 9 e 10

Capa: André Azevedo / Foto: Leonardo Boloni

issuu-downloader.com

Paródia

Ferrari

Marcelo Alves de Freitas
3º período de Publicidade

Conheci a **Ferrari** em uma **Fiesta**. Conversamos **Tang** que esquecemos de tomar outro **Drink**. **Gessy**, era sua **Knnor** amiga, não desgrudava para nada. Tinha que achar uma solução rápido, porque desse jeito não ia ser **Varig**, ela não **Lacta** do nosso pé, **Mizuno** que seria assim até a **Fiesta** acabar.

Chamei o **Palermo** do **Rider**, meu amigo, para dar um **Jeep** naquela situação, **Maggi**, o **Free** da **Puma** não gostou da **Knnor**. Aquele dia não era o meu dia de sorte. **Fanta** que **Abril**, lá vinha o **Arno** do irmão dela, o vulgo **Gudam**. Esse era tão burro, que chegava a ser **Druri's** na queda, além de ser primo do Zé Teles.

Saí dali por um **Mustang** e percebi que estava tudo dominado: - tinha mais **Nokia** cheirando que gente **Aji-no-moto**, quer dizer, no mato. Já que está tudo embaraçado, depois de tomar meio litro de **Chivas**, comprei o **Passaport** para o paraíso. Dou mais um passo e quem encontro? **Ferrari**. Não **Nissim** duas vezes. Fui com ela para **Aji-no-moto**, quer dizer, mato, **Botelho** o dedo sem unha na sua boca e ela me deu uma dentada. Pensei: será que **Arisco** a ficar sem meu **Kadet**? Como estava **Côndor** e muita **Aiwa** e **Sony** fui embora. Afinal a **Fiesta** já havia acabado.

Montagem: Revelarte / foto: reprodução

Erramos

Na matéria intitulada "A imprensa sob a ótica do direito" , a palavra "imprensa", no título, foi grafada faltando a letra "n – impresa". Na mesma matéria os artigos citados não referem-se à Constituição Federal, mas sim à Lei de Imprensa número 5.250, de 9 de fevereiro de 1967.

OMBUDSMAN

Universidade revolucionária

Newton Luís Mamede

A universalidade de alguns conceitos não pode ser desconsiderada ou negligenciada. Ao contrário, deve suscitar, sempre, a atenção a eles, no histórico caminhar da inteligência e da sabedoria humana. Empregados e evocados na antigüidade e nos tempos modernos, jamais se tornam anacrônicos ou arcaicos. São eternamente atuais, de conteúdo sempre adequado ao presente.

Tal ocorre com o termo *revolução* e seus cognatos *revolucionário*, *revolucionar* e outros. Seu sentido intrínseco de perpétuo refazer, ou de eterno retorno, não se confunde com a simples repetição do estado anterior, ou com a imutabilidade e continuidade do mesmo estado. O *re-volucionar* é dinâmico e ativo. O *re-fazer* ou o *re-tornar* é o perene acontecimento do devir, do *vir-a-ser* proposto por Heráclito. É o ser acontecendo sempre de novo, e em estado de *novo*, isto é, com nova constituição, com novas características, com novas feições, sem perder sua originalidade e sua identidade ontológica. *Revolucionar* é não morrer, é existir sempre, é ter vida infinita. É não ficar no passado, é ser sempre atual.

Que é a ciência, senão o saber que destrói o erro e constrói a verdade?

A história superficial restringiu o emprego semântico desses cognatos e os associou, vulgarmente, a conflitos armados, de motivação política, para conquista e manutenção de poder. Embora restrito, esse sentido conserva a idéia de agitação e de desestruturação, de subversão da ordem. Pois é exatamente esse sentido que constitui a essência do conceito de *revolução*, de *revolucionar*.

Transpondo os termos para o âmbito da universidade, da instituição escolar superior, seu emprego encontrou, aí, o espaço certo, próprio, adequado. A universidade é o lugar por excelência para acontecer revolução. É na universidade que o saber intelectual cresce e amadurece; é na universidade que o conhecimento científico acontece e avança, e amplia-se, e fecunda-se, e produz resultados. Que é a ciência, senão o saber que destrói mitos e heresias de interpretação do ser, do universo, e apresenta o conhecimento certo, a apreensão e a compreensão racional desse mesmo ser, do universo? Que é a ciência, senão o saber que destrói o engano e a aparência, e desvela o ser tal como ele é? Que é a ciência, senão o saber que destrói o erro e constrói a verdade?

Esse destruir e construir é que constitui o eixo, o sentido próprio de *revolução*. Destruir mitos, heresias, enganos, aparências e erros, e construir o conhecimento certo, a verdade, é promover uma agitação na inteligência e na consciência, é desestruturar o estado letárgico da ignorância, é subverter a ordem do comodismo e da inércia intelectual. Isso é *revolucionar*. É tirar o homem de um estado e transportá-lo a outro. É tirá-lo das trevas e lançá-lo à luz. Essa mudança gera atrito, desordem, subversão. Por isso, o conhecimento científico, o saber intelectual e racional é revolucionário.

A universidade é centro de revolução intelectual, científica e cultural. Revolução que garante o progresso e a evolução da racionalidade humana. Que não a deixa estagnar-se. A história apresenta as grandes revoluções da ciência que mudaram o destino da história. E a ciência, no sentido de saber metodológico e organizado, tem, conforme o afirmamos anteriormente, seu *habitat* na universidade.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Distribuição: Assessoria de Imprensa • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8952 • • • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Imprensa e violência

Pesquisa revela preferência dos leitores

Trezentos alunos foram entrevistados e a maioria manifestou repúdio à violência explícita

Claudinei Honório
7º período de jornalismo

Em uma pesquisa realizada pelos alunos do curso de Comunicação Social dentro da Universidade de Uberaba, na última quinzena de março, quando foram entrevistados 300 alunos dos diversos cursos, avaliou-se a preferência desses leitores quanto aos jornais e ao tipo de matérias que eles gostam. Na pesquisa foram aplicados 300 questionários estruturados não disfarçado, utilizando uma amostragem probabilística, com um nível de confiança de 95,5% e com uma margem de erro de até 5%, conforme orientação do professor do curso de Publicidade e Propaganda, da Univeridade de Uberaba, José Morera França, especialista em Gestão de Recursos Humanos e em Gestão Estratégica de Marketing. Dos 300 alunos pesquisados sobre o hábito de ler os jornais, 32% responderam que lêem jornais da cidade; 26% não têm este hábito; e 42% lêem às vezes. As justificativas de quem não costuma ler jornais, revelaram que 45% não lêem por falta de acesso; 25% por falta de interesse; 9% acham os jornais chatos; 7% acham as matérias sensacionalistas; 7% por falta de tempo; e outros 7% lêem jornais de fora.

Já em relação aos jornais que são lidos pelos universitários, os dados demonstram que 39,53% lêem o Jornal da Manhã, 36,39% Jornal de Uberaba,15,71% Lavoura e Comércio e 8,38% outros jornais.assuntos lidos são os mais variados. O Social ficou na frente com 22,85%, Cidades com 18,47%; Política, com 16,74%; e por último os assuntos policiais e esportivos com 15,81%.

O quesito onde foi questionada a prioridade dos jornais em destacarem as matérias policiais nas primeiras páginas, teve o seguinte resultado: 45% dos entrevistados discordam da prioridade dada pelos jornais a esse tipo de matéria; 21% discordam totalmente; 30,67 concorda; e 3,33% concorda totalmente.

61,42% ficam indignados com fotos e chamadas chocantes nas capas dos jornais

O sentimento do leitor quando se depara com fotos e chamadas chocantes ficam bem claro na pesquisa. Os dados demonstram que 61,42% ficam indignados com esse tipo de matéria; 16,36% ficam revoltados; 8% sentem medo; 7,10% asco; e 6,16 tem pavor desse tipo de reportagem.

A pesquisa foi finalizada perguntando ao estudante como ele analisa a linha editorial dos jornais de Uberaba. O resultado foi: 45,69% acham sensacionalista; 20,48% desrespeitosos com o ser humano; 15,80% como falta de ética; 5,75% acham que os jornais locais estão despreparados profissionalmente; e somente 12,36% acham normal a linha editorial dos jornais.

Giselle Barbosa
8º período de Direito
"Tudo tem seu lado bom e ruim. O lado bom, é que mostram às pessoas a nossa realidade. E o lado ruim é que quem já tem uma tendência a violência serve como incentivo"

Com a palavra os estudantes

Entrevistas e fotos:
Felipe Augusto
Antônio Marcos Ferreira
1º período de Jornalismo

Além da pesquisa uma enquete, feita no Campus II, mostra a opinião de alguns estudantes sobre a exploração da violência na mídia. As informações sobre crimes e mortes incentivam a concientização?

Tatiana Alvim
2º período de administração
" Eu acho que não serve como conscientização, pois esse sensacionalismo prejudica o leitor, que não é obrigado a comprar o jornal e ver tais notícias"

José Alberto
1º período de odontologia
" É inevitável, pois jornais correm atrás dessas notícias que hoje são a realidade"

Pollyana Lopes
1º período de ciências biológicas
"Eu acho um absurdo, porque pode influenciar crianças a cometer estes crimes".

Elisa Queiroz
2º período de fisioterapia.
"Acho que depende da pessoa que está vendo. Porque uma pessoa de opinião formada e de caráter não se deixa levar. Isso afeta principalmente as crianças que ainda não têm opinião própria".

Nájela Barbosa
8º período de direito.
"Acho que amedronta mais do que conscientiza e acaba incentivando também"

issuu-downloader.com

Cadê o Brasil?

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

O Brasil foi descoberto? Ou será que foi invadido? Existe uma grande diferença entre descobrir e invadir? Se ele foi descoberto, era porque estava sendo procurado. Bom, até aí eles acharam o que queriam. Logo após a "descoberta", começou a invasão. Nomearam as várias etnias que viviam por aqui como "Índios", pois dizem que queriam chegar as Índias. Será? Por acaso Portugal não seguiu os rastros do navegante Cristovão Colombo, quando este chegou em 1492, às ilhas que nós conhecemos hoje como Caribe? Os "descobridores" somente foram um pouco além daquele que realmente se aventurou pelos mares seguindo uma suspeita, a de que o mundo era redondo – Heliocentrismo de Copérnico. Bom… começa a barganha com os índios, logo após o massacre. A maioria, morreu com as doenças trazidas de "presente", pelos "descobridores". Os que sobraram foram feitos de escravos e muitos fugiram da ameaça branca, felizmente. Mas os "fugitivos" não foram muito longe, milhares morriam no caminho devido às doenças contraídas pelos europeus.

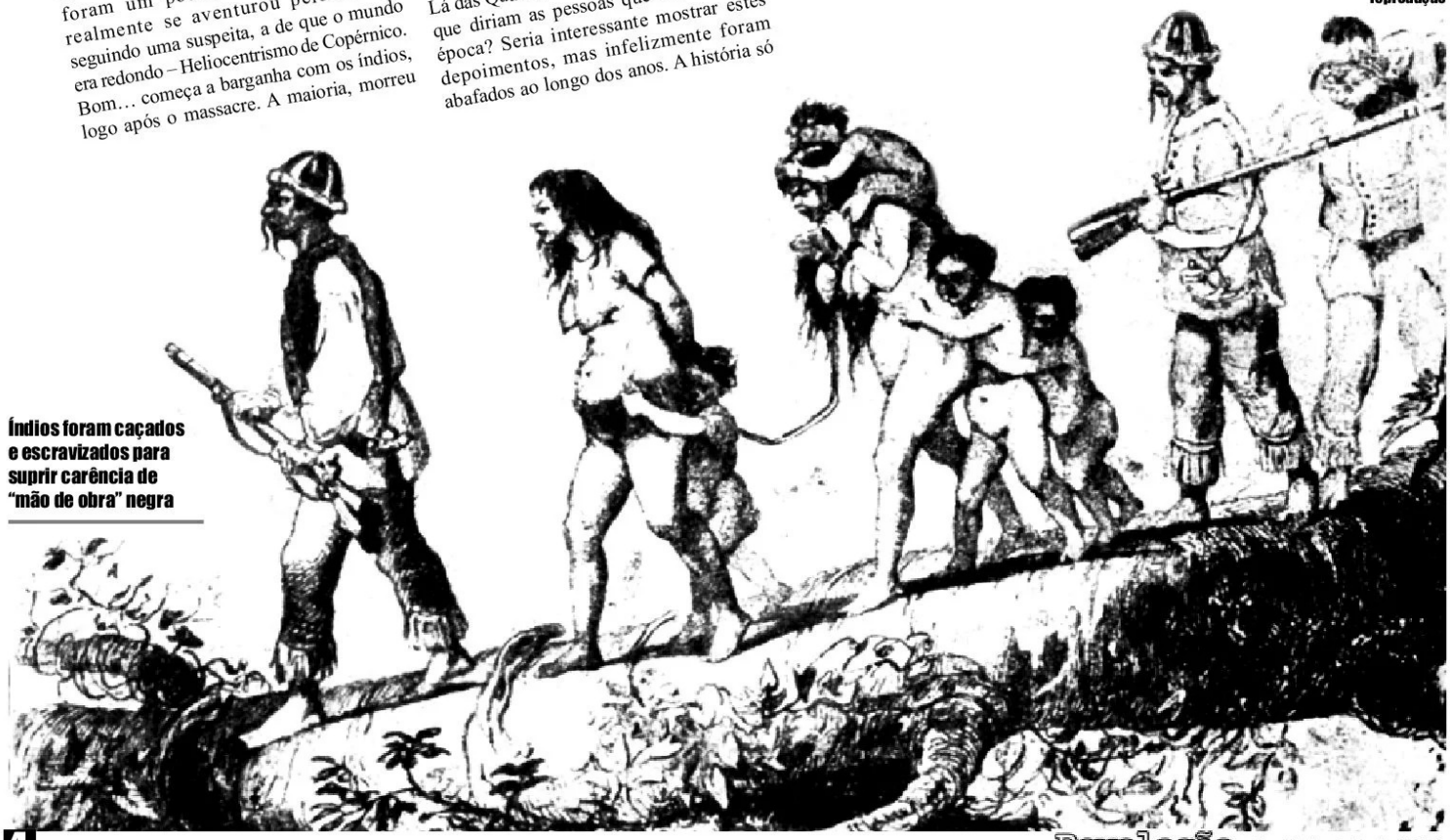
Mas e hoje? Como andam as coisas? Mais ou menos do mesmo jeito, o povo se acabando e os estrangeiros ganhando em cima de nós. De quem é a culpa? Não sei dizer, mas tenho uma hipótese. Quem foram os primeiros estrangeiros a chegar aqui? Eram pessoas de boa índole, ou a escória européia? E os religiosos, contribuiram para evitar a bagunça generalizada no país do Pau-Brasil? E assim começa nossa verdadeira história, aquela que as escolas de minha época não contavam. Todo figurão de renome nacional era bonzinho, seja o conde, o barão, o vice-governador e até o Dom Sei Lá das Quantas. Será que eram mesmo? O que diriam as pessoas que viviam nesta época? Seria interessante mostrar estes depoimentos, mas infelizmente foram abafados ao longo dos anos. A história só retrata o que foi conveniente para os poderosos. E hoje, será que é diferente?

Bom, pensando assim, percebemos uma semelhança de mentalidades e atitudes dos nossos poderosos contemporâneos: o que importa é estar sendo bem visto pelos de fora, os estrangeiros. Mas e os de dentro, nós brasileiros? Ficamos de fora?

Até hoje, todos os estrangeiros sabem descobrir no Brasil, seja sua riqueza mineral, vegetal e humana, que cria culturas. Estas são tão ricas que nos fazem esquecer dos nossos problemas. Dois exemplos: o Carnaval e o Futebol. Não quero criticar nenhum, nem o outro, mas sim escrever o que todos sabem. É um período para esquecermos de nossos problemas. E o Brasil, será que já descobriru o Brasil. Como seria esta descoberta? Acreditamos que seria valorizando e incentivando, ao contrário do que vemos hoje. Somos depreciados em função dos estrangeiros, tudo deles é melhor. Por quê? Porque é importado. Lógico, o Brasil ainda não investe em pesquisa de uma maneira efetiva. São eles que investem nas pesquisas realizadas em território nacional. Só um exemplo: nossas riquezas vegetais são extraídas e vendidas a preços medíocres para as grandes indústrias farmacêuticas internacionais – a biopirataria. Quando vamos comprar os remédios elaborados e embalados, quase temos um infarto.

Como diria Marcelo D2 , vocalista da banda Planet Hemp, "e a culpa, é de quem?" É do raizeiro que mora nos confins da floresta amazônica? É do índio, que recebe para isso? É do governo, que não tem uma lei protecionista em relação a vários assuntos? Precisamos nos redescobrir de outra maneira, darmos valor a nós mesmos e lutar pela valorização de um povo, de uma cultura, de uma nação. Para isso minha gente, vamos descobrir o Brasil?

reprodução



Índios foram caçados e escravizados para suprir carência de "mão de obra" negra

issuu-downloader.com

Grupo de chorinho apresentou-se na Universidade de Uberaba em fevereiro, durante as atividades da Calourada 2002 — arquivo Revelação

A delícia do Chorocultura e a vergonha de ser brasileiro

O chorinho diz tudo sobre nossa alma. Por isso mesmo, morremos de medo de gostar dele

André Azevedo
1º período de Jornalismo

A apresentação do grupo Chorocultura na Calourada 2002 da Universidade de Uberaba foi tão autêntica que nos fez lamentar a vergonha que temos de nós mesmos.

Não é que não gostamos de ser brasileiros, – lá no fundo, existe até um certo orgulho meio constrangido – mas somos acanhados, vacilantes; dificilmente temos coragem de confessar que o chorinho é a coisa mais certa e mais gostosa para acender uma lâmpada em nossa ofuscada autoconsciência.

A cadência maliciosa de vai-não-vai em que o chorinho se esbalda é uma delícia porque representa todas as características de nossa alma brasileira. Está tudo lá. O bandolim tropeça feito bêbado em uma escala e, através de malabarismos anárquicos e impossíveis, faz tudo dar certo quando o improviso parecia desembestar para a mais tremenda confusão. O sax finge sua manha elegante enquanto o pandeiro disfarça em uma cadência hipnótica. O cavaquinho, naquela de quem não quer nada, cutuca o violão que de repente descamba para a gafieira e o pau come solto. Mas é por isso que temos medo de gostar do chorinho. Como em um espelho mágico, nos vemos nus, enxergamos nossa alma tal qual, sem ornamentos, sem maquiagem.

O seresteiro canta como se estivesse nos convencendo que todas as suas estórias de sedutor são verdadeiras. Mas ele sabe que não são, mente que nem sente. Nós sabemos que é tudo papo, mas fingimos acreditar, só pra dar corda. Ele sabe que nós sabemos disso, mas continua fingindo que acredita que nós não sabemos. Nos trata como se estivéssemos fascinados com seus causos fajutos. E o pior é que a gente acaba ficando!

O saxofone ali atrás, amigo da onça, finge que mantém-se à sua sombra, mas no fim é obrigado a admitir, num gemido malicioso (de lágrimas de crocodilo), que estava na verdade era tramando uma estratégia para passar a perna no cantor e roubar a cena, comovendo a todos com um solo irresistivelmente encantador.

Enquanto isso, o cavaquinho e o bandolim, como dois moleques de rua, fingiam se esconder para então nos surpreender em uma, duas, cinco, dez notinhas coloridas, uma após a outra. Subitamente, o bandolim e o cavaquinho param e tocam a bola para o sax que mata no peito mas, como Garrincha, não faz logo o gol: enrola, sacaneia, dribla todo mundo, dá chapéu, joga entre as pernas, adia o gol só pelo prazer de curtir e arriscar.

A conversa de cordas da composição de Jacó do Bandolim, lindamente interpretada pelo Chorocultura, é a própria balbúrdia de uma cambada de feirantes tagarelas negociando aos gritos seus hortifrutigranjeiros. Dessa vez, todas as notas parecem querer passar a perna uma nas outras. Evidentemente, é fácil perceber que, neste caso, trata-se daqueles encontros fortuitos de velhos amigos que brincam de ofender-se entre si com todos aqueles nomes sujos que aprenderam na adolescência nos anos 40.

Para terminar, a malandragem comequieto do cavaquinho abre as comportas para uma torrente de notinhas de "Brasileirinho", o hino nacional dos chorões que, apesar de arroz de festa em qualquer evento cívico, acaba mostrando-se sempre delicioso, pois tem uma melodiazinha muito esperta.

Entretanto, quem observou o comportamento do público durante a apresentação percebeu um fenômeno que, por si só, diz quase tudo que esse artigo pretende fazer: que inibição neurótica é essa que nos impede de sair dançando e pulando e esfolando os sovacos feito loucos nessa gafieira canalha? Todos ficaram lá, parados, braços cruzados, como se assistissem uma palestra ou estivessem esperando o ônibus. No palco, o pau comendo, o cavaquinho alucinado, o pandeiro pegando fogo, o sax mandando ver, e a turma lá de baixo naquela pose de guarda de trânsito. O chorinho é entusiástico, contagiante, mas ninguém se deixou levar pelo inevitável arrasta-pé. O chorinho é enternecedor. Um professor chorou – de verdade! – em "Saudade". Mas ninguém teve coragem de pegar uma dama nos braços e levá-la para as alcovas da suavidade da música... só os dois... esquecendo o mundo..., ninguém.

Que inibição neurótica é essa que nos impede de sair dançando e pulando e esfolando os sovacos feito loucos nessa gafieira canalha?

Por que somos tão travados assim? O que aconteceu conosco que ficamos com vergonha de coreografar todas aquelas verdades sobre nós mesmos, que o chorinho expressa lindamente? Não há nenhuma dignidade nessa timidez mórbida – se é que alguém considera indigno sair dançando feito patife nas gafieiras da vida. A festança do Chorocultura tem toda a força e autenticidade para provocar uma catarse, eu diria uma epifania, mas não aconteceu. Ficamos lá, maravilhados por dentro, mas parados, com cara de hidrante. Que insegurança é essa que nos faz ter vergonha de nossa própria alma? Uma das respostas eu sei, mas não vou dizer pra qualquer um, assim de graça.

issuu-downloader.com

Estudantes avaliam carências alimentares em índios do Maranhão

Coleta de sangue realizada por alunos de Biomedicina da Universidade de Uberaba possibilitará também a análise do grau de miscigenação da tribo

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

fotos: arquivo Marden Gonçalves e Maria Tereza

Os estudantes do oitavo período de Biomedicina da Universidade de Uberaba, Marden Rene Gonçalves Ferreira, 25, e Maria Tereza Souza Matos, 24, estiveram no Maranhão em fevereiro, para realizarem uma pesquisa junto aos índios da tribo Gavião, no município de Amarantes, distante cerca de 150 quilômetros, de Imperatriz (MA). A pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e foi chamada Fenotipagem Eritrocitária e Anemias Carenciais.

Inspirados em trabalhos semelhantes realizados junto a comunidades indígenas na Colômbia e Venezuela, eles passaram doze dias nas aldeias maraenhenses de Rubiácea, Riachinho e Governador, coletando amostras de sangues de 105 índios Gavião, entre 14 e 60 anos. O objetivo do trabalho, segundo os estudantes, é observar anemias megaloblástica, causada pela falta de vitamina B-12 e ácido fólico no organismo, assim como anemia ferropriva, causada pela ausência do ferro na alimentação dos índios. Estas carências, conforme os acadêmicos, podem causar deficiências nas hemácias (glóbulos vermelhos). Marden explica que com o aumento no tamanho das hemácias, há a diminuição do fluxo sangüíneo pelos vasos capilares, diminuindo a quantidade de oxigênio levado às partes mais extremas do corpo, causando cãibras, escurecimento nas pontas dos dedos e falta de ar (cianose). "Sem poder respirar direito, a pessoa fica facilmente cansada, deixando de realizar parte de suas atividades diárias", esclarece.

"O objetivo prático desta pesquisa é poder suprir as deficiências nutricionais da dieta alimentar e o cadastro desta fenotipagem na Funai"

"Nós percebemos algumas anemias ocasionadas pela deficiência de ferro, mas na verdade, esperávamos muito mais", alivia-se Maria Tereza. Ela acredita que o índice da carência alimentar deve ser menor que a esperada, pois eles substituem as fontes destes componentes com a incorporação de outros alimentos em sua dieta, como a cenoura, a mandioca, o milho e os próprios frutos da região, como manga, cajamanga, açaí entre outros. "A Funasa (Fundação Nacional de Saúde), fornece cesta básica, que ajuda um pouco. Mas pelo que vimos, somente agora a Funai (Fundação Nacional de Apoio ao Índio) está investindo em agricultura incentivando o plantio de culturas como milho e mandioca", contou Maria Tereza. A alimentação dos índios Gavião tem sua base na pesca e caça. Eles comem tatus, tamanduás, veados, porcos do mato e até morcegos fazem parte da dieta. Para reforçar a alimentação, os índios criam gado de corte, fornecido pela Funai.

Tipos Sangüíneos

Outro objetivo desta coleta será a amostra da fenotipagem sangüínea, que identifica o sistema eritrocitário, que consiste na classificação do tipo sangüíneo: A, B ou O . Este sistema pode também observar as hemáceas quanto às variações do fator RH entre pai, mãe e filhos. Segundo os estudantes, este tipo de análise pode detectar possíveis problemas de saúde na gestação das mulheres, precavendo incompatibilidade de Rh entre mãe e filhos. "Nos índios americanos, há a prevalência do tipo sangüíneo O positivo. Nesta aldeia detectamos a presença de tipos A e B, mas a prevalência da coleta foi de 95% de O positivo", explica Marden.

Na avaliação dos estudantes, caso continuem sendo detectadas estas diferenças, com o tempo, haverá um grau maior de impureza da própria raça. "Outra conseqüência desta pesquisa seria a possibilidade de se entender a formação das tribos ao longo dos séculos, pois ao estudar a evolução, podemos ter maior compreensão dos caminho que estes índios fizeram pela América", salienta Marden.

Eles usaram os testes do sistema ABO, o antígeno D, para saber se o índio tem fator sanguíneo Rh positivo ou negativo. Maria Tereza lembra que a pureza da raça só pode ser determinada através do resultado de todos estes testes. "Nós vimos um índio com traços bem diferentes, o que sugere que já houve miscigenação na família dele, e seus filhos irão levar estas características genéticas para frente", acredita Marden.

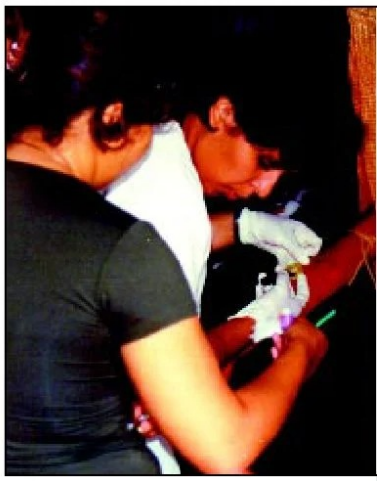
Foram utilizados outros exames como a eletroforese de hemoglobina para detectar possíveis hemoglobinopatias, que causam anemia, principalmente a falciforme que causa cansaço físico intenso; e o exame ferrocerico que auxilia a diagnosticar a anemia ferropriva, além de outros treze tipos de análises em sistemas sanguíneos.

O objetivo prático desta pesquisa é poder suprir as deficiências nutricionais da dieta alimentar e o cadastro desta fenotipagem na Funai. Com isso, a própria Fundação terá maior controle na hora de doar sangue a um índio, que sofreu algum tipo de acidente que necessite desta, sem modificar sua estrutura genética. Isso evitaria a incompatibilidade dos sistemas ABO e Rh, evitando possíveis mortes, diminuindo a mortalidade infantil na aldeia.

Eles comem tamanduás porcos do até morcego parte da d

Como o resultado das amostras ainda não está pronto, os estudantes aguardam para darem prosseguimento ao trabalho. Para isso, seria preciso um posto de coleta nas próprias aldeias. "Seria bom para eles e para a própria faculdade, em suas diversas atuações na área de saúde. Poderíamos ajudá-los de alguma forma, fazendo um mapeamento maior na região, para sanar quaisquer deficiências e pesquisar outros assuntos relacionados a saúde indígena. Poderia ser um passo para uma futura caminhada, respeitando seus costumes e preservando suas tradições", disse Maria Tereza.

A grande dúvida é: ainda existe a real



issuu-downloader.com

pureza da raça? A resposta negativa pode ser evidenciada pela história no período colonial, com o início das invasões em territórios indígenas e, na história moderna, com a maior aproximação destes povos com as áreas urbanizadas. Os dois momentos possibilitaram a miscigenação dos brancos com índios e negros, tornando está pureza distante do período em que só eles habitavam as Américas.

Saúde indígena

As doenças mais comuns observadas pelos estudantes foram parasitoses, como leishmaniose visceral, que causa aumento do fígado e baço, e a cutânea provocando manchas na pele. O maior vetor desta doença na aldeia é o cachorro, animal muito estimado pelos índios. Outras doenças apresentavam sintomas de verminoses, mas não puderam ser comprovadas. Para isso era preciso fazer um exame parasitológico, que fugia da abordagem inicial e foi impedida por dois motivos: falta de materiais necessários e recursos para o trabalho. As passagens e o material para a coleta foram fornecidos pela Universidade de Uberaba. Para a fenotipagem eritrocitária foram fornecidos materiais pela prefeitura de Amarantes, através do vereador Ruy Barbosa, que deu os kits, além de laboratórios do Maranhão, que cederam os aparelhos para realizar as análises.

m tatus, s, veados, mato e gos fazem ieta

O encontro de dois mundos

Cultura indígena dá lição de vida aos estudantes

Pintura simboliza aceitação do visitante entre os habitantes da aldeia

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

Os estudantes foram os primeiros a coletar sangue dos índios naquelas aldeias, por isso eles tiveram que esclarecer aos índios a importância deste trabalho. Antes de fazerem a coleta, houve uma renião de conselho na aldeia para discutir sobre o assunto. O cacique recebeu o consentimento para autorizar o trabalho.

Logo no início do trabalho, os estudantes perceberem que o jaleco branco gerava um problema na aproximação dos índios. Conforme observaram, os jalecos lembravam os agentes de saúde que aplicavam vacinas na aldeia. O estudantes resolveram tirá-lo. Após isso, o trabalho teve início. "As crianças corriam com medo de levarem injeções. Houve muita curiosidade quanto a coleta de sangue, eles queriam saber se podiam trabalhar, comer, jogar bola depois de feita a coleta", lembram.

Maria Tereza ainda achava que a situação a ser encontrada ali era de um certo primitivismo, mas ao chegar constatou que o contato com o branco afetou os costumes dos índios. "Eles estão em um acentuado processo de aculturação". Mas, em compensação, mantém alguns costumes fundamentais da comunidade. "Eles ainda conservam o hábito de realizar uma ação somente após a decisão coletiva. As crianças possuem total liberdade, mas também têm a consciência da responsabilidade de membros da comunidade", observam.

O cacique, apesar de ser o maior representante, pede o conselho e se submete a decisão coletiva

"Eles estão em processo de aculturação, mas ainda preservam alguns costumes"

Logo no início do trabalho, os estudantes perceberem que o jaleco branco gerava um problema na aproximação dos índios

"Quando uma senhora chega em determinada casa, as crianças já se levantam para que ela possa sentar. Quando alguém pede um favor, que pode ser feito a qualquer criança, mesmo que está não seja seu filho, eles obedecem. O cacique, apesar de ser o maior representante, pede ao conselho e se submete a decisão coletiva", exemplifica Marden.

Independente dos resultados das amostras, os estudantes consideram que tiveram um grande aprendizado. "Foi uma experiência profissional muito grande o fato de podermos explicar nossas intenções para um povo que não tem conhecimento do nosso trabalho, a coleta de sangue, e vencer este obstáculo do receio deles. No final conseguimos e estamos aguardando resultados do trabalho. A visão de uma cultura, um tipo de comportamento bem diferente do nosso. Foi praticamente uma lição de vida estar com aquele povo", conclui Maria Tereza. A pesquisa foi orientada pelos professores da Biomedicina Gilberto Júnior, que realizou trabalho semelhante com negros dos Estados Unidos e Marcel Júnior.

Maria Teresa também é pintada com extratos de urucum e genipapo

issuu-downloader.com

Turismo

A cidade dos profetas

Congonhas: patrimônio cultural da Humanidade

Felipe Augusto
1° período de Jornalismo

fotos: Mauro Fernandez

Cidade abriga obras de Aleijadinho, o grande expoente da arte barroca brasileira

Congonhas, a 80 km de Belo Horizonte, é uma das cidades históricas mais importantes do país, devido ao seu acervo histórico que chama a atenção de turistas do mundo inteiro. Em 1985 foi tomabada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade, por ser um templo onde cultura e fé se misturam e transformam-se em arte. Lá, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, deixou suas obras de grande expressão da arte barroca, que são as imagens dos passos da paixão e os doze profetas.

O nome da cidade vem da planta congonha, do Tupi "Kô gôi" que significa "o que sustenta, o que alimenta", planta que era encontrada com muita abundância na região. A cidade é uma das mais antigas do estado e nasceu às margens do rio Maranhão, na época em que mineradores portugueses chegavam atraídos pelo ouro.

Arte em nome da fé

Congonhas em sua totalidade, tem seis igrejas, das quais, quatro na sede do município e duas nos distritos de Lobo Leite e Maranhão. A igreja do Rosário é a mais antiga, foi construída no século XVII pelos escravos. A igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição é de 1734, e também leva o toque requintado de Aleijadinho e pintura dos melhores artistas da época. A igreja Nossa Senhora da Soledade em Lobo Leite e a igreja de Nossa Senhora da Ajuda no Maranhão foram construídas no século XVIII. A Matriz de São José foi construída em 1817, sendo assim a mais nova da cidade.

A Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos é o cartão postal da cidade. A Basílica é fruto de uma promessa do português Feliciano Mendes, que sofrendo de uma grave doença, pediu a ajuda de Bom Jesus de Matosinhos. Sendo alcançada a graça, Feliciano Mendes se pôs a serviço do Santo durante toda a vida. Recuperado, Feliciano Mendes fincou uma cruz no alto do morro do Maranhão, e passou a pedir esmola no meio da estrada para a construção do templo, que foi iniciada em 1757. A obra só foi finalizada no século XVIII, época em que Feliciano Mendes já tinha falecido. Lá estão localizadas a imagem do Senhor morto e as doze esculturas em pedra sabão dos profetas – que é a série mais completa da iconografia cristã – e as 66 figuras dos passos da paixão – obra máxima de Aleijadinho. Junto com os doze profetas, formam a maior expressão do barroco mineiro. O local reúne todo ano, no período de 7 a 14 de setembro, milhares de fiéis (no último encontro foi registrado 300 mil) na maior peregrinação religiosa de Minas Gerais – o jubileu do Senhor Bom Jesus.

Em 1985 a cidade foi tomabada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade

Romaria: lar dos fiéis

Em 1932, foi construída a antiga Romaria, que funcionava como um lar para os fiéis que iam para a cidade com o intuito de participar do jubileu do Senhor Bom Jesus. Com exceção do portal de entrada, em 1968 a obra foi demolida para a construção de um hotel, que só ficou nos planos. Em 1995, a Romaria foi reconstruída e abriga um importante espaço cultural e turístico. A cidade hoje também conta com o "Museu da Imagem e da Memória" que conta a história da cidade com fotos e um rico acervo material de pessoas que fizeram história na cidade.

Antigo lar para os fiéis foi reconstruído e hoje abriga um espaço cultural e turístico

issuu-downloader.com

Turismo

Parque da Cachoeira oferece lazer popular

Área associa turismo a preservação ecológica

Felipe Augusto
1° período de Jornalismo

Com área de 57 mil metros quadrados, o Parque da Cachoeira é a mais completa área de lazer popular de Minas Gerais. O parque fica a 5km da cidade e conta com uma completa estrutura para lazer, com dez piscinas de água corrente, quadras poliesportivas, campo de futebol, anfiteatro, lanchonetes, restaurante, estacionamento, área de camping, playground, churrasqueiras e quiosques.

Na inauguração em 1984, procurou-se conservar as condições naturais do local. A área de preservação ecológica abrange 70,4 mil metros quadrados. Nesta área são encontradas centenas de espécies de árvores – até mesmo em extinção como Cedro, Jacarandá, Quaresmeira; e animais – como Maritaca, Paca, Lontra, que habita os corregos da região, Tamanduá bandeira etc.. Existem também, as nascentes com água potável, motivo que fazia a cachoeira de Santo Antônio ser uma atração para o povo da cidade antes de ter a estrutura que tem atualmente.

Economia

Congonhas é uma das 15 cidades que mais arrecadam impostos em Minas Gerais. A principal fonte é o ICMS das empresas que extraem minério de ferro e pela Açominas. A cidade já foi a de maior renda per capita, mas hoje passa por uma profunda crise financeira. Por estar situada na região do quadrilátero ferrífero, Congonhas possui algumas das maiores empresas de mineração.

Cidade já foi a de maior renda per capita, mas hoje passa por uma profunda crise financeira

Mauro Fernandez

Parque fica a 5km da cidade e conta com estrutura completa para lazer

Médium ficou famoso por incorporar Dr. Fritz

Zé Arigó foi estudado por médicos de diversos países

José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, nasceu em uma fazenda à 6 km de Congonhas, e estudou até a terceira série primária. Aos 14 anos já trabalhava na companhia Atum (atual CSN).

Por volta de 1950, ele começou a apresentar alguns distúrbios fortíssimos, como dores de cabeça, insônias, visões e uma voz que o acompanhava sempre. Até que um dia a voz tomou seu corpo e ele pôde ver a imagem de Dr. Fritz, que o tinha escolhido para fazer curas milagrosas. A partir daí, Zé Arigó realizou durante 20 anos curas através do espírito do médico alemão. Arigó fazia diagnósticos, receitava remédios e até operava. Com isso, o médium enfrentou vários problemas de ordem religiosa, principalmente pelo fato de Congonhas ser uma cidade tradicionalmente católica, e também de ordem legal, onde os problemas foram maiores. Em 1956 foi processado pela Associação Médica de Minas Gerais, acusado de curandeirismo, e ficou preso por sete meses em Conselheiro Lafaiete, acusado de exercer a medicina ilegalmente.

Médicos do mundo inteiro estiveram em Congonhas estudando Arigó, e constataram que 95% dos diagnósticos eram corretos. Zé Arigó morreu em 11 de Janeiro de 1971, em um acidente automobilístico na BR-040. (F.A.)

Bruno Albanez

Profetas estão localizados na basílica de Bom Jesus do Matosinhos

issuu-downloader.com

Turismo

Ouro cultural de Minas

História de Tiradentes permanece viva em Ouro Preto

Simone Souza
8º período de Jornalismo

Na praça Tiradentes, centro histórico de Ouro Preto, fica o Museu da Inconfidência, antigo prédio onde funcionava a Casa de Câmara e a Cadeia de Vila Rica no século XVIII. O prédio, assim como as igrejas da cidade, fazem parte do patrimônio cultural e apresenta obras do estilo barroco.

Na fachada do local estão dispostas quatro estátuas em bronze que representam as virtudes da temperança, prudência, fortaleza e justiça. Segundo a crença popular, essa construção é amaldiçoada, porque, nos tempos do Brasil-colônia, o governador prendeu e surrou os escravos que construíram o prédio - o que teria trazido a morte e a doença para Vila Rica. Esse episódio motivou o escritor e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga a escrever os seguintes versos, nas suas "Cartas Chilenas":

"Em cima das janelas e das portas
põe sábias inscrições,
põe sábios bustos,
que eu lhes porei por baixo
os tristes nomes dos pobres inocentes
que gemeram ao peso dos grilhões."

Para homenagear a obra deste escritor mineiro, cujo pseudônimo era Critilo, assim como todos os outros participantes da Conjuração Mineira, notadamente Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o Museu da Inconfidência restaura e expõe raros documentos e objetos do século XVIII.

Segundo a crença popular, essa construção é amaldiçoada, porque, nos tempos do Brasil-colônia, o governador prendeu e surrou os escravos que construíram o prédio

Logo na entrada do museu, na casa-fortaleza, fica um monumento de pedra com as lápides desses mártires, que o ex-presidente Getúlio Vargas mandou buscar na África – onde a maioria dos revoltosos viveu em exílio até a morte.

Monumento de pedra com lápides dos mártires fica bem na entrada do museu

O prédio principal do museu tem quatro anexos. A Casa do Pilar tem jogos educativos e objetos que podem ser manuseados pelo público sem perigo de danificação. No Anexo-1 ficam as salas de cinema para palestras e mostras de vídeo, que envolvem grupos de pesquisadores e a comunidade. No Museu-escola, crianças participam de passeios regio-nais e de atividades artísticas, como pintura a dedo e escultura com argila e massinha. Por último, vem o Laboratório de Restauração e Conservação, onde os especialistas recuperam documentos e esculturas – nessa área não é permitida a entrada de visitantes.

Existe ainda uma biblioteca com cerca de cinco mil partituras de músicas e mais de 17 mil volumes de obras da época, inclusive uma peça original com o poema-lira "Marília de Dirceu", de Tomás Antônio Gonzaga. No prédio principal, o público pode observar diversos objetos utilizados pela realeza e pelo povo mineiro nos tempos coloniais. Entre eles, correntes e grilhões para aprisionar escravos, uma charrete que transportava nobres, um relógio de bolso de ouro e prata, um aparelho fiador para fazer tecidos, peneiras dos mineradores, uma balança de ferro para pesar ouro e até uma escarradeira. Uma das relíquias mais interessantes é a edição da constituição dos Estados Unidos que pertencia a Tiradentes e influenciou o alferes em seus ideais políticos.

fotos: reprodução

Museu está instalado no prédio onde funcionava a Casa de Câmara e a Cadeia de Vila Rica no séc. XVIII

Na ala sacra ficam expostos quadros, imagens de santos católicos, anjinhos barrocos e os chamados "santos do pau-oco" – estátuas ocas utilizadas para fazer contrabando de ouro. Uma das salas é específica para as obras do escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleija-dinho. Nesta há vários bustos talhados em pedra-sabão e algumas esculturas de madeira de personagens bíblicos, como Maria Madalena.

Num salão especial, no segundo andar, os visitantes podem ver a carta do governador das Minas Gerais com a sentença de morte de Tiradentes

Num salão especial, no segundo andar, os visitantes podem ver a carta do governador das Minas Gerais com a sentença de morte de Tiradentes. No documento, em perfeito estado de conservação, pode-se ler: "...manda que, com embaraço, seja levado pelas ruas públicas dessa cidade até o lugar da forca, e nela, morra morte natural (...) que seja, então, esquartejado, e seus pedaços espalhados nas quatro direções dos ventos, para que o castigo da traição seja lembrado para sempre."

Segundo Thiago Lopes de Oliveira, 24, estudante de História em Belo Horizonte, o Museu da Inconfidência é parada obrigatória para qualquer mineiro: "Já é a terceira vez que eu venho porque não dá pra ver tudo de uma vez só. Pra mim, que sou de Belo Horizonte, a história da Inconfidência é muito interessante e o museu tem coi-sas importantes pra enriquecer a nossa cultura e ativar a memória do povo. Por exemplo, Tiradentes foi o único rebelde pobre a morrer enforcado. Não dá pra esquecer esse tipo de barbaridade que ainda está enraizado na nossa cultura. Até hoje, só pobre é quem *paga o pato*," conclui.

issuu-downloader.com

Ecologia

Em Santa Rosa, o rio Uberaba está vivo

No pequeno povoado, cortado pelo rio , a água é limpa e sem poluição

fotos: Sana Suzara

Sana Suzara
Wagner Ghizzoni Júnior
6º período de jornalismo

Quantas famílias moram ao longo do rio Uberaba? Quantas mulheres, numa época não muito distante, lavavam as roupas em suas águas? Quantos homens não passavam tardes inteiras pescando, quando o rio ainda era cheio e limpo?

Hoje esta situação mudou, mas ainda existem famílias que moram perto do rio Uberaba. Várias delas estão em fazendas próximas ao bairro de Santa Rosa, um vilarejo à 12 quilômetros de Uberaba, ou na própria vila.

Uma dessas pessoas é a dona Maria José da Silva Maciel, 57 anos, e trabalha com seu marido numa vendinha de secos e molhados. Ela é uma das moradoras mais antigas de Santa Rosa, "que antes não era bairro de Uberaba coisa nenhuma, era apenas um arraial que depois se tornou distrito e recentemente passou a ser considerado bairro", conta ela.

Nas proximidades de Santa Rosa, o rio Uberaba é preservado. Não há sujeira no manancial, não tem desmatamento da mata ciliar. "Aqui todos têm consciência, procuram não desmatar nada, mas quem desmata é quem não usa a água do rio," afirma dona Maria. A Cemig e a Polícia Florestal povoaram o rio com alguns alevinos. "Aqui não tem peixe, só bagrezinho", disse a moradora. Para recuperar a mata ciliar os moradores em parceria com alunos da escola do bairro, plantaram seis mil mudas de árvores nativas.

A história de Dona Maria se confunde com a de Santa Rosa

Dona Maria

A história de Dona Maria se confunde com a de Santa Rosa, afinal ela foi uma das primeiras pessoas a morar no local. Tudo começou com uma comunidade. Os fazendeiros da região juntaram-se e resolveram construir uma igreja, depois um barracão. Além das missas, eram realizadas festas religiosas, anuais, em comemoração ao dia da Santa que dá nome ao lugar. Nestas festas, após as orações, os habitantes iam dançar no barracão.

Nascida em Dores do Indaiá, dona Maria veio pra Uberaba com três anos, junto com a família. Em Uberaba, seu pai continou fazendo o que sempre fez: arrendava terras para plantar. Quando dona Maria chegou à Santa Rosa, com mais ou menos 19 anos, tudo se resumia à igreja e ao barracão. Seu pai então construiu a primeira venda do local. Aos poucos foram surgindo algumas casas. Em 86 surgiu a rodovia asfaltada. Com ela um ônibus coletivo, que vem três vezes por dia. Antes, havia apenas um ônibus interurbano, que passava em Santa Rosa apenas por estar no caminho entre Uberaba e Patrocínio. Só há menos de dez anos que apareceram a escola e o posto de saúde.

As festas religiosas anuais continuam até hoje. Nos últimos sábado e domingo de agosto, são comemorados os dias de Santa Rosa e São Ccristóvão, este último considerado o protetor dos motoristas.

Projeto recupera rio Araguaia

Um dos maiores rios que compõem a bacia hidrográfica brasileira estava ameaçado

Priscilla Magalhães
7º período de Jornalismo

As nascentes do Rio Araguaia estão situadas no planalto central do Brasil, local considerado o "berço das águas", mais precisamente na divisa noroeste do Parque Nacional das Emas, em Mineiros/GO. O Rio Araguaia é considerado o maior reservatório de água subterrânea das Américas. Um projeto chamado de Cumeeira, iniciado em julho de 2000, está tentando salvar as nascentes que estão comprometidas devido à exploração inadequada de recursos naturais, principalmente com a monocultura da soja e a pecuária extensiva.

A Secretaria de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Habitação do Estado de Goiás (SEMARH) em parceria com a organização não governamental Fundação Emas estão desenvolvendo o projeto de Recomposição Ambiental das Nascentes do Rio Araguaia visando sua recuperação e preserveção.

Recomposição das águas

Concluída a fase de estudos básicos, foram iniciados os trabalhos de videografia com apoio da Conservation International do Brasil. Estes trabalhos são feitos a partir de fotos aéreas, que visam obter informações gerais da área com maior detalhe, dando origem a mapas de melhor visibilidade. São várias as informações que se obtém de fotografias aéreas, podendo destacar casos importantes como: o uso atual do solo, divisas de propriedades, qualidades das estradas, erosões, assoreamentos de rios e lagos, curvas de nível, distinção de habitates, limites de bacias hidrográficas e outros.

Trabalhos de recuperação também estão em andamento visando diminuir o fluxo da água que é arrastada no período chuvoso, provocando erosões e assoreamento dos cursos d'água. A recuperação da área também favorece ao plantio nas áreas de preservação permanente e áreas críticas indicadas pelo zoneamento. Outra ação de grande importância para o projeto é a confecção de software agrícola juntamente com o manual de conduta, que estão sendo elaborados para dar suporte ao programa de educação ambiental no âmbito do projeto.

"A nascente de um dos rios mais importantes do Brasil está ameaçada, mas ainda há preservação"

A diretora da Fundação Emas, Kátia Fernandes, ressalta que a Fundação está desenvolvendo outros projetos de grande relevância na região das nascentes do Rio Araguaia em parceria com a Conservation International do Brasil. Para este trabalho o parte do apoio financeiro vem do Projeto de Agricultura Sustentável e Compatível com a Biodiversidade do Cerrado (Agricultura e Conservação) desenvolvido em parceria pelo Instituto Ambiental The Nature Conservancy.

"Estes projetos têm maximizado as ações da região, possibilitando a recuperação e conservação num menor espaço de tempo e contando com um suporte técnico bem mais apurado. A nascente de um dos rios mais importantes do Brasil está ameaçada, mas ainda há preservação", observou a secretária.

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Festival de vídeo convida à efervescência criativa

Inscrições para o Festival Universitário do Minuto vão até 15 de maio

André Azevedo
1º período de Jornalismo

arquivo Revelação

Estão abertas as inscrições para o VI Festival Universitário do Minuto da Universidade de Uberaba. Para participar, a equipe deve produzir um vídeo de no máximo um minuto – com eventual tolerância de 15 segundos para exibição de créditos – e inscrever-se até o dia 15 de maio de 2002. O Festival será realizado na noite de 21 de maio, no Centro Cultural Cecília Palmério, durante a Semana de Seminários.

A ficha de inscrição está disponível na recepção do bloco L. As fitas devem ser entregues para a recepcionista, Valquíria Pires, ou para o encarregado do bloco L, Vicente de Paulo. A inscrição só é efetivada com a entrega do vídeo. O bloco L funciona das 13h30 às 22h30.

O Festival é aberto a alunos de todos os cursos, professores e funcionários da Universidade de Uberaba. Os equipamentos e custos de produção ficam a cargo dos participantes. Alunos de Comunicação Social podem verificar a possibilidade de agendamento no setor de produção de vídeo, mas a prioridade dos equipamentos é para as disciplinas regulares e projetos experimentais do curso. Para solicitar um horário, os estudantes devem ter em mãos o roteiro detalhado e um planejamento de tempo de produção e edição.

As fitas originais devem estar em boa qualidade, pois serão copiadas e a exibição no dia do evento será feita a partir dessas cópias. As fitas serão devolvidas a partir do dia 27 de maio.

Categorias

Os realizadores podem inscrever o vídeo em uma das seis categorias: Humor, drama, animação, reportagem, propaganda e científico/educativo. As equipes podem inscrever quantos vídeos quiser, mas cada vídeo deve ser entregue em uma fita distinta, com ficha de inscrição individual. A categoria **humor** embarca comédias, paródias, montagens e filmes *trash* – aquelas obras horrorosas que, de tão ruins, tornam-se humor involuntário. Entende-se por **drama** toda obra de ficção que não seja humor. Vale, portanto, qualquer dramatização lírica, poética, trágica ou aquelas "viajandonas". Na categoria **animação** entram computação gráfica, manipulação de massa de modelar, fotos quadro a quadro, ou que mais essas cabecinhas criativas inventarem.

Reportagem pode ser pequenas entrevistas, depoimentos, ou mesmo uma matéria em formato de telejornal totalmente produzida pela equipe. Na categoria **publicidade** valem propagandas institucionais, campanhas sociais, etc. Não serão aceitas propagandas comerciais. Vídeos **científicos/educativos** podem ser mini-aulas sobre um tema (como um telecurso), explicações sobre fenômenos físicos ou químicos, sobre conceitos filosóficos, antropológicos ou sociais relacionadas às disciplinas. As imagens devem ser captadas e produzidas pela equipe.

Pontuação

O júri será formado por profissionais de diversas áreas – jornalistas, fotógrafos, artistas plásticos, atores, profissionais de vídeo, etc – e o julgamento ocorrerá no dia 21 de maio, durante o evento. De acordo com a comissão organizadora, serão consideradas a **criatividade**, ou seja, a busca por temas inovadores ou visões inesperadas que geram novas reflexões sobre um tema antigo; **linguagem**, que avaliará a expressividade e a adequação estética que a equipe alcançou. O corpo de jurados é orientado para não avaliar equipamento técnico, mas a habilidade humana em extrair soluções inovadoras dos recursos. Isso significa que ninguém precisa ficar inibido de participar com filmagens simples, desde que adequados e expressivos.

Será avaliada também a **originalidade**, que pontuará vídeos cujas imagens, trilha sonora e idéias sejam próprias, e não "clonadas". Pequenas apropriações são permitidas, mas podem perder ponto neste quesito. A obra que for considerada plágio pela comissão organizadora será automaticamente desclassificada.

Premiação

Serão concedidos os seguintes troféus de júri: **Humor:** Vila dos Confins; **Drama:** Chapadão do Bugre; **Animação:** Arraial da Farinha Podre; **Divulgação Científica/Educacional:** Quilombo do Tengo-tengo; **Propaganda:** Morro das Sete Voltas; **Reportagem:** Rua da Zagaia. Além dos troféus, cada um dos vencedores de cada categoria será premiado com a quantia de R$ 200,00. Além disso, será premiado com o Troféu Mário Palmério o **Grande Vencedor,** que receberá também a quantia de R$ 500,00.

Através de votação direta da platéia, será concedido o Troféu do Desemboque, que premiará a **Menção Honrosa do Público.**

Regulamento

Art. 1º- O Instituto de Humanidades da **Universidade de Uberaba** e o curso de Comunicação Social promovem na Semana de Seminários do primeiro semestre do ano 2002 o FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DO MINUTO - Festival de vídeos, produzidos em apenas um minuto.

Art. 2º - O Festival tem como objetivos:

I - criar novos espaços de expressão;

II - integrar os universitários de vários cursos;

III - incentivar a produção de cultura, ciência e arte;

IV - oportunizar o exercício da liberdade e da criatividade;

V - criar espaços para a participação da comunidade;

VI - apresentar a toda a comunidade recentes realizações de vídeo;

VII - estimular o desenvolvimento da produção audiovisual na Universidade.

Art. 3º - O Festival é aberto à participação de professores, funcionários e alunos do ensino superior.

Parágrafo 1º - Deverá, obrigatoriamente, cada equipe ter, no mínimo, um estudante devidamente matriculado no ensino superior.

Art. 4º - Poderão concorrer vídeos **inéditos**, produzidos originalmente em qualquer formato e copiados para VHS. Os vídeos deverão ter duração de, no máximo, 1 (hum) minuto. Haverá tolerância de 15 (quinze) segundos, reservados aos créditos da equipe.

Art. 5º - Haverá pré-seleção, caso haja mais de 30 inscritos, sem a presença de público. Os critérios da pré-seleção serão feitos pela comissão organizadora e sua decisão é soberana.

Art. 6º - O julgamento no dia do Festival será feito por uma comissão julgadora, formada por profissionais da área de comunicação e áreas afins, não tendo vínculo direto com a **Universidade de Uberaba.**

Art. 7º - Junto com a cópia do vídeo para a pré-seleção deverão ser anexadas a ficha de inscrição com a sinopse do vídeo.

Art. 8º - O material deve ser entregue na sala de Coordenação Pedagógica do Curso de Comunicação Social, aos cuidados de Valquíria Pires ou Sr. Vicente de Paulo Silva, até o dia 15 de maio na recepção do Bloco L.

Art. 9º - A fita original deve estar em boa qualidade. A fitas serão devolvidas após o vento. A **Universidade de Uberaba**, se reverva o direito de fazer cópias que poderão ser exibidas em programações sem fins lucrativos.

Art. 10º - As despesas e produção dos vídeos ficam a cargo do concorrente.

Art. 11 º - Serão conferidos os seguintes prêmios por categoria:

Humor: Troféu Vila dos Confins + R$200,00

Drama: Troféu Chapadão do Bugre + R$200,00

Animação: Troféu Arraial da Farinha Podre + R$200,00

Divulgação Científica/Educacional - Troféu Quilombo do Tengo-tengo + R$200,00

Propaganda: Troféu Morro das Sete Voltas + R$200,00

Reportagem: Troféu Rua da Zagaia + R$200,00

Grande Vencedor: Troféu Mário Palmério + R$500,00

Menção Honrosa do Público: Troféu do Desemboque

Parágrafo Primeiro - Entende-se por **Humor:** sátiras, paródias, trash. Entende-se por **Drama**: romance, poesia, lírica, tragédia, arte. Entende-se por **Animação:** Computação gráfica, desenhos, manipulação quadro-a-quadro. Entende-se por **Divulgação Científica/Educacional**: Vídeos educativos que poderão ser utilizados em escolas, congressos, seminários. Entende-se por **Propaganda**: Peças publicitárias não comerciais, campanhas de cunho social. Entende-se por **Reportagem**: Documentários, crônicas, entrevistas.

Parágrafo Segundo: O vídeo que obtiver maior pontuação da comissão julgadora, independente de categoria, será considerado o Grande Vencedor deste Festival.

Parágrafo Terceiro: Os alunos, professores e funcionários presentes receberão, na entrada, cédula para escolher o vídeo de sua preferência.

Parágrafo Quarto- Aos diretores não premiados será entregue um Certificado de Participação.

Art. 12º – A participação no Festival implica na aceitação total pelo concorrente do presente regulamento.

Art. 13º - Os casos não previstos no regulamento serão avaliados pela Comissão Organizadora, cuja decisão é soberana.

issuu-downloader.com